

A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA NO PROCESSO DE ENSINO APREDIZAGEM.

Antonia Lúcia Gomes Barbosa- lucia.gomes12@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9942-3308>

Graduada em Letras pela FACE no ano de 2012 e pós graduada em Neuropsicopedagogia pela FADBA em 2023. Sou professora da Rede Municipal de Maragogipe, trabalho na área há 29 anos, leciono na Escola Municipal Antônio Otílio de Andrade, na turma da Educação Infantil, a escola está localizada na Zona Rural do município.

Sueli Caldas de Jesus Barbosa- Suelicaldas160@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2073-8814>

Professora da rede municipal de ensino de Maragogipe-Ba, graduada em Pedagogia pela FTC no ano de 2013, pós graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais pela UNIASSELVI no ano de 2018 e em Neuropsicopedagogia pela FADBA em 2023. Leciono na Escola Municipal Antônio Otílio de Andrade, localizada em Santo Antônio de Aldeia, Zona Rural do município, atuando na área há 20 anos.

Adriene Portela Prado Corrêa- adriene.correa@adventista.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0422-9134>

Doutorado em Educação com ênfase em Instrução curricular e Educação especial e inclusiva Professora do UNIAENE desde 2018.

Resumo: A inclusão não é só um desafio para os educadores, é também, uma oportunidade de aprendizado mútuo, pois a diversidade nos enriquece e nos torna mais tolerantes e empáticos. A educação inclusiva é a oportunidade de promover o respeito e a igualdade entre todos. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não apenas beneficia o indivíduo com esse transtorno, mas também toda a sociedade e comunidade educativa, que aprendem a valorizar e respeitar as diferenças e a trabalhar em colaboração. Os alunos com TEA podem contribuir de maneira significativa para o ambiente escolar, ampliando a diversidade e possibilitando uma aprendizagem enriquecedora para todos. Ao terem contato e convivência com colegas atípicos, as crianças neurotípicas aprendem a respeitar as diferenças e se adaptar a diferentes formas de comunicação e interação. Para que essa contribuição seja efetiva, é necessária que a escola esteja preparada para receber e incluir alunos com TEA. Adicionalmente, a família pode desempenhar um papel importante na busca de intervenções adequadas para a pessoa com TEA, como terapia ocupacional, fonoaudiologia, terapia comportamental, entre outras. A colaboração e o envolvimento da família nessas intervenções podem potencializar o desenvolvimento e os resultados positivos no processo educacional. A organização estratégica no âmbito da aprendizagem deve estar inserida numa metodologia inovadora e colaborativa, que possibilite acessar as ideias relacionadas à motivação, atitude e o afeto quando o educando com TEA é inserido no mundo significativo da aprendizagem. A família deve estar envolvida ativamente na vida escolar do aluno, participando de reuniões e conferências com pais e professores, compartilhando informações importantes sobre o aluno e suas Necessidades Educacionais Específicas (NEE). Considerando que a criança com TEA aprende, porém no seu tempo, no seu ritmo

e num ambiente acolhedor, é necessário fornecer um ambiente escolar acolhedor, seguro, colaborativo, lúdico, e com aprendizagens práticas e significativas.

Palavras Chave: Aprendizagem. Criança. Inclusão. Professor. TEA.

Abstract: Inclusion is not only a challenge for educators, it is also an opportunity for mutual learning, as diversity enriches us and makes us more tolerant and empathetic. Inclusive education is an opportunity to promote respect and equality among all. The inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) not only benefits the individual with this disorder, but also the entire society and educational community, which learn to value and respect differences and work collaboratively. Students with ASD can contribute significantly to the school environment, increasing diversity and enabling enriching learning for everyone. By having contact and coexistence with atypical peers, neurotypical children learn to respect differences and adapt to different forms of communication and interaction. For this contribution to be effective, the school must be prepared to receive and include students with ASD. Furthermore, the family can play an important role in finding appropriate instructions for a person with ASD, such as occupational therapy, speech therapy, behavioral therapy, among others. Family collaboration and involvement in these interventions can enhance development and positive results in the educational process. The strategic organization within the scope of learning must be inserted in an innovative and collaborative methodology, which makes it possible to access ideas related to motivation, attitude and affection when the student with ASD is inserted into the meaningful world of learning. The family must be involved in the student's school life, participating in meetings and conferences with parents and teachers, sharing important information about the student and their Specific Educational Needs (SEN). Considering that a child with ASD learns, however, at their own time, at their own pace and in a welcoming environment, it is necessary to provide a welcoming, safe, collaborative, playful school environment with practical and meaningful learning.

Keywords: Learning, Child, Inclusion, Teacher, ASD.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como uma síndrome comportamental que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico, comprometendo a linguagem, a cognição e a interação social da criança (Lopez- Pison, 2014). A sua etiologia ainda é desconhecida, todavia, a evidência atual é considerá-la como uma síndrome de origem multicausal envolvendo fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança (Volkmar; Mcpartland, 2014). O TEA é um transtorno neurológico que afeta a comunicação verbal e não verbal, a interação social e o comportamento da pessoa. É um espectro de condições, o que significa que afeta cada indivíduo de maneira diferente e em diferentes graus, pessoas com TEA podem ter dificuldades em se comunicar e interagir com os outros, podem também apresentar padrões de comportamentos repetitivos e restritos, bem como sensibilidades sensoriais.

A pessoa com TEA pode apresentar comportamentos peculiares que de modo geral se manifestam no início da infância, por volta dos três primeiros anos de vida, no entanto o diagnóstico clínico diferencial é realizado por volta dos 3 ou 4 anos de idade, e comumente é

baseado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). O DSM-5 descreve critérios específicos para o diagnóstico do TEA, incluindo déficits persistentes na comunicação social e interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, e, em alguns casos, déficits cognitivos. Os profissionais de saúde mental e médicos utilizam esses critérios para avaliar se um indivíduo se enquadra nos critérios diagnósticos do TEA.

Estima-se que, atualmente, o índice mundial do TEA abranja em torno 70 casos para cada 10.000 habitantes, apresentado quatro vezes mais com frequência em crianças do sexo masculino (Volkmar; Mcpartland, 2014). No Brasil, apesar das dificuldades de estudos epidemiológicos que possam melhorar os dados nacionais, identificou-se em pesquisa recente que a prevalência de acometimento pelo TEA é de 27,2 casos para cada 10.000 habitantes (Levenson, 2015). Embora esses dados indiquem uma prevalência considerável do TEA no Brasil, eles são limitados em termos de representatividade geográfica e diversidade populacional. Vale ressaltar que a conscientização sobre o TEA tem aumentado no Brasil nos últimos anos, contudo, a expansão dos estudos epidemiológicos sobre o TEA é uma necessidade para uma compreensão mais completa do panorama nacional. Com isso, espera-se que mais dados estatísticos e pesquisas sejam realizados para fornecer uma imagem mais precisa da realidade do TEA no país.

Frente ao exposto é interessante destacar que o problema norteador da pesquisa envolveu o seguinte questionamento: como melhor incluir as crianças com TEA na Escola Regular de Ensino e no processo educacional de forma a evidenciar desenvolvimento e sucesso acadêmico? Adicionalmente, a pesquisa pretendeu perceber como o processo de inclusão de alunos com TEA busca garantir para todas as crianças e jovens acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas habilidades ou necessidades específicas.

Os alunos com TEA podem contribuir de maneira significativa para o ambiente escolar, ampliando a diversidade e possibilitando uma aprendizagem enriquecedora para todos. A presença de alunos com TEA no ambiente escolar também pode promover a empatia, a colaboração e a tolerância entre os demais alunos. Ao terem contato e convivência com colegas atípicos, as crianças com TEA aprendem a respeitar as diferenças e se adaptarem a diferentes formas de comunicação e interação. Para que essa contribuição seja efetiva, é necessário que a escola esteja preparada para receber e incluir alunos com TEA. Isso inclui a formação de professores e profissionais da educação, bem como a implementação de recursos e estratégias pedagógicas adequadas. Adicionalmente, o professor precisa ficar atento as necessidades de adaptações, pois “adaptações adequadas são fundamentais para que esses alunos possam participar ativamente das atividades escolares, desenvolver suas habilidades e promover a diversidade, a colaboração e a tolerância dentro da comunidade escolar” (Schmidt, 2013, p. 47).

Consequentemente, o objetivo geral da pesquisa envolveu a necessidade de entender o

processo inclusivo de alunos com TEA no ambiente escolar e seus aspectos metodológicos. Enquanto os objetivos específicos abordam as seguintes ações: (a) Analisar as metodologias e estratégias que devem ser utilizadas no sentido de garantir a inclusão, e consolidar as orientações advindas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC); (b) Demonstrar a importância das metodologias adequadas para atender às necessidades educacionais dos alunos com TEA, oferecendo recursos e materiais pedagógicos, tais como: pictogramas, comunicação alternativa, recursos visuais e outros materiais de apoio; (c) Refletir sobre a importância da parceria escola e família na inclusão escolar de alunos com TEA; e (d) Apresentar estratégias de ensino para crianças com TEA, para favorecer os professores e as crianças com TEA.

O estudo usou uma abordagem investigativa sobre o TEA, buscou respaldo na pesquisa bibliográfica, de caráter dissertativo e qualitativo, e se embasou em artigos científicos e obras sobre o assunto. Adicionalmente, a pesquisa foi realizada com base na hipótese de que a inclusão de alunos com TEA nas Escolas Regulares promove o desenvolvimento social, emocional e cognitivo, além de favorecer a compreensão, respeito e a diversidade por parte dos demais estudantes. Entende-se que as crianças com TEA tem níveis de desenvolvimento que, diferente das crianças neurotípicas, necessitam de intervenções pedagógicas que possam atender as Necessidades Educacionais Específicas (NEE) do educando e, por conseguinte, da família no entendimento da valorização socioeducacional do seu pupilo.

Sabe-se que a inclusão de alunos com TEA pode desafiar alguns professores e agentes educacionais. Contudo, acredita-se que, com conhecimento, empatia e estratégias adequadas, pode-se transformar a experiência educacional dos alunos com TEA, proporcionando-lhes oportunidades de crescimento e aprendizado. Observa-se também que os educadores devem incluir nas suas intervenções pedagógicas uma postura imaginativa e colaborativa, possibilitando aos educandos envolver-se no mundo criativo, considerando-se parte essencial desse processo, tendo oportunidade de apresentar suas ideias através da atuação, oralidade, das observações e simultaneamente das contribuições, no que se refere à troca de conhecimentos e experiências.

2. DIAGNÓSTICO COMPORTAMENTAL E INTERACIONAL DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O reconhecimento das características apresentadas pelas crianças com TEA é fundamental para o diagnóstico e intervenções precoces. As características são inicialmente identificadas por cuidadores e familiares que observam, ainda nos primeiros anos de vida, os padrões de comportamentos pertinentes ao TEA (Cardoso, 2012). As características do TEA variam significativamente de pessoa para pessoa, e podem incluir:

- ✓ Dificuldades na comunicação: Pessoas com TEA podem ter dificuldades em expressar seus pensamentos e sentimentos verbalmente, além de terem dificuldades em interpretar as expressões faciais e linguagem corporal dos outros;
- ✓ Dificuldades na interação social: Pessoas com TEA apresentam dificuldade em fazer e manter amizades, e normalmente preferem atividades solitárias. Eles podem ter dificuldades em entender e responder adequadamente às interações sociais;
- ✓ Comportamentos repetitivos e restritos: Pessoas com TEA geralmente apresentam padrões repetitivos de comportamento, como balançar o corpo, bater as mãos ou focar intensamente em objetos específicos. Eles podem se apegar a rotinas fixas e sentir grande desconforto diante de mudanças na rotina;
- ✓ Sensibilidade sensorial: Muitas pessoas com TEA são hipersensíveis a estímulos sensoriais, como barulhos altos, cheiros fortes ou texturas diferentes. Isso pode levar à reações exageradas ou aversão a certos ambientes ou situações;
- ✓ Dificuldades de aprendizagem e atenção: Algumas pessoas com TEA podem apresentar dificuldades no processo de aprendizagem, especialmente em áreas do conhecimento mais complexas como linguagens e matemática. Também podem apresentar problemas de atenção e concentração, pois apresentam um span de atenção menor que as crianças neurotípicas.

Em estudo, Cabral *et al.* (2021) destacam que diagnósticos e intervenções realizadas com antecipação e de forma adequada, promovem inúmeros benefícios às crianças com TEA; ensinando comportamentos aceitáveis e reduzindo os comportamentos disfuncionais e disruptivos; maximizando a percepção do outro e do mundo exterior, de momentos de interações e promovendo habilidades psicossociais. Consequentemente, as intervenções precoces irão garantir desenvolvimento e sucesso no âmbito acadêmico. Assim, é importante lembrar que o TEA é um espectro, onde as características e a gravidade dos sintomas podem variar amplamente entre os indivíduos. Nem todas as pessoas com autismo apresentam todas as características mencionadas acima, e cada pessoa tem suas próprias particularidades. Pessoas com Autismo Leve, podem apresentar auto nível de inteligência, de independência e de funcionalidade, permitindo que a pessoa tenha uma vida mais próxima do normal, enquanto, em quadros mais graves, a pessoa pode precisar de assistência e cuidados constantes.

O papel da família na vida das crianças com TEA é essencial para garantir que elas recebam o apoio, a compreensão e as oportunidades de que precisam para atingir seus objetivos emocionais, sociais e educacionais. A família também pode desempenhar um papel importante na busca de intervenções adequadas como terapia ocupacional, fonoaudiologia, terapia comportamental, entre outros tipos de terapias necessárias em cada caso. Portanto, é necessário perceber que a 46

“colaboração e o envolvimento da família nessas intervenções podem potencializar os resultados positivos” (Schmidt 2013, p. 26).

Educar uma criança com TEA pode ser desafiador e emocionalmente exigente. É importante que os pais tenham acesso a apoio emocional, seja por meio de grupos de apoio, aconselhamento ou terapia familiar. Ter um espaço para compartilhar experiências e emoções pode ajudar a aliviar o estresse e a encontrar maneiras mais saudáveis de lidar com as dificuldades. É relevante que outros membros da família recebam informações precisas sobre o TEA, incluindo compreensão sobre os sintomas, tratamentos, terapias e estratégias para lidar com desafios específicos.

De acordo com Mazurek (2012), a revelação diagnóstica do TEA se torna um assunto delicado e desafiador para a família, assim como para os profissionais da educação. O vínculo entre a família e a escola desempenha um papel crucial na vida de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa colaboração é essencial para garantir que a criança receba o suporte necessário em diferentes ambientes, ambas devem trabalhar juntas para promover a inclusão da criança com TEA em atividades sociais e educacionais dentro e fora da sala de aula, atuando para que a criança se sinta acolhida e capacitada a desenvolver habilidades de interação e aprendizado.

2.1 O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-EDUCACIONAL DA CRIANÇA COM TEA

Existem muitas maneiras de estimular o desenvolvimento de habilidades em crianças com TEA, e é importante adaptar as estratégias de acordo com as necessidades individuais de cada criança, estimulando a comunicação e linguagem, a interação social, as habilidades motoras e o autocuidado. É importante lembrar que cada criança é única, e as estratégias de estímulo devem ser adaptadas de acordo com suas necessidades individuais. Além disso, é fundamental envolver a família e os profissionais de saúde no plano de intervenção, para garantir uma abordagem integrada e consistente no apoio ao desenvolvimento da criança, atentos ao que Schmidt (2013, p. 13) declara: “(...) o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando déficit nas dimensões sociocomunicativa e comportamental”.

Nesse liame, o TEA é compreendido com um transtorno do neurodesenvolvimento, modificando o comportamento dos sujeitos, e suas reações sintomatológicas podem ser contínuas, apresentando características estáveis do sujeito, desta forma exige diagnóstico precoce, intervenções precoces e tratamento multidisciplinar (Viana et al., 2020). Assim, o processo educativo é uma atividade contínua que começa desde o ventre materno até os últimos dias de sua vida, pois a criança desenvolve seu aprendizado a partir das observações constantes que elas realizam sobre os adultos e as coisas, propagando este aprendizado a partir das atividades lúdicas que elas criam rotineiramente, como faz-de-conta, as paródias e outros mecanismos utilizados para promover conhecimento e educação.

Weizenmann (2020) concorda com Ferreira & Franzoi (2019), quando ressalta que a inclusão do aluno com TEA não deve ser vista apenas como um ato obrigatório, mas sim como uma prática que apoia as diversidades e os direitos humanos, tratando-se, de um processo social complexo que resulta de ações estabelecidas por agentes distintos envolvidos, estando eles diretamente ou indiretamente com o processo de ensino e aprendizagem. Todavia é importante frisar que a criança com TEA expõe o seu aprendizado de maneira discreta. Ela aprende, porém no seu tempo, no seu ritmo e num ambiente acolhedor, pois é exatamente nesse espaço que a confiança é estabelecida, com afinho e dinamização. Esse aspecto sucede pelo fato de que a criança com TEA tem os sentidos sensoriais aguçados. Considerando que o spam de atenção em crianças com TEA também é menor, é necessário promover um ambiente de ensino sem muito barulho ou ruídos para que o processo ensino/aprendizagem não seja comprometido, considerando que “os barulhos por menores que sejam despertam ou prejudicam a sua atenção, o ambiente, pessoas e elementos desconhecidos também são pontos de estranhamentos” (Santos et al., 2020, p. 84).

Cardoso (2021) menciona que é crucial esclarecer que indivíduos com TEA têm normas diferenciadas uma das outras, pois cada criança será atingida em níveis diferentes dentro de sua própria individualidade. Assim nem todas as características descritas são destacadas por todos os indivíduos com TEA, devido se tratar de um espectro, esta especificidade possui inúmeras variações. Diante disto, o educador deve apresentar intervenções pedagógicas bem elaboradas e relevantes para que a criança com TEA possa desenvolver suas habilidades e competências ao máximo de seu potencial, e de maneira criativa, dinâmica e significativa, oportunizando entender que a educação é um processo inerente ao homem, cabendo a este está acompanhando as informações por meio da convivência e da interação com o outro (Santos et al., 2020). Considerando o exposto, o professor enquanto agente, parte integrante desse processo, deve contribuir com afinho com a inserção de instrumentos pedagógicos que auxilie a criança com TEA, como recursos lúdicos coloridos e concretos, texturas, onde as diferentes formas geométricas sejam exploradas, bem como, proporção e espessura. Haja vista que a criança possui seu conhecimento de mundo que pode ser reelaborado no estabelecimento educacional, através da visualização de novos instrumentos pedagógicos e sensoriais que possam despertar na criança com TEA um aprendizado de qualidade e significância.

Assim é de suma relevância salientar que a prática pedagógica aconteça de forma lúdica, atrelada aos conteúdos trabalhados pelo educador em sala de aula, visando primeiramente valorizar as habilidades e promover o desenvolvimento acadêmico, além de minimizar limitações sociais, cognitivas e psíquicas. As limitações psíquicas desses educandos, através de uma ação interventiva disciplinar contextualizada com as observações elaboradas pelos envolvidos, a partir da oportunidade de questionar que deve acontecer de maneira dinamizada e criativa.

A importância desta integração da criança com autismo na escola é de possibilitar seu pleno desenvolvimento, inclusive social, mas não se limitando a isso. Ter um diagnóstico permite também a adaptação das estratégias pedagógicas para maximizar os ganhos dessas crianças, promovendo também o desenvolvimento cognitivo. (Santos et al., 2020, p.49)

Atender a criança com TEA requer do educador atenção especial acerca da qualificação profissional, pois antes de realizar as intervenções pedagógicas faz-se necessário conhecer o aluno, seus gostos, suas vontades, birras, hobby, enfim realizar uma anamnese cujas informações possibilitem ao educador elaborar uma ação pedagógica enriquecida de ideias interventivas significantes. Esta ação é considerável devido que o aluno precisa ser bem acolhido de modo que os sentimentos de medo, de angústia e outros fatores mentais que possam comprometer o envolvimento desse aluno junto a proposta do educador, sejam neutralizados de modo que possa estabelecer vínculos afetivos com o profissional de educação e com os colegas de sala de aula.

De acordo com Marco, Daniel, Calvo, & Araldi (2021, p. 10) a “plasticidade cerebral nos permite aprender e reaprender constantemente habilidades que estão ausentes ou que foram perdidas ao longo da vida”. E assim, essa interação fortalecida pelo vínculo de amizade, favorece para que a escola possa atender as expectativas de todos os envolvidos no processo. Haja vista que quando a criança chega ao espaço escolar, ela deve ser conduzida de modo a desenvolver as percepções visuais e as expressões faciais, as quais estas contemplam periodicamente. No entanto deve ser apresentado um ambiente colorido, com inúmeras possibilidades de exploração, considerando que a criança com TEA possui o processo de concentração muito pequeno, fator que exige novos recursos que despertem o seu interesse pelo aprendizado.

A importância da escola na inclusão de alunos com TEA está relacionada ao acesso à educação formal. A escola deve oferecer uma estrutura física e pedagógica acessível, além de professores capacitados e preparados para lidar com as demandas específicas dos alunos com TEA, bem como dos demais alunos. Além disso, é importante que a escola promova a inclusão social, incentivando a interação entre os alunos, diminuindo a discriminação e a estigmatização e promovendo relacionamentos significativos.

Já a família desempenha um papel crucial na inclusão de alunos com TEA, fornecendo um ambiente acolhedor e apoio emocional contínuo. A família deve estar envolvida ativamente na vida escolar do aluno, participando de reuniões e conferências com pais e professores, compartilhando informações importantes sobre o aluno e suas necessidades específicas. Além disso, a família pode auxiliar no desenvolvimento e aprendizagem do aluno, estimulando habilidades sociais, comunicativas e de autonomia.

Existem pesquisas que apontam o diagnóstico precoce como um grande auxiliar, que pode fazer a diferença no desenvolvimento da criança com alterações no funcionamento do Sistema Nervoso Central, além de trabalhar cedo no desenvolvimento, as áreas cerebrais por não estarem ainda rígidas, em função da neuroplasticidade, auxiliam nas estruturas cerebrais, modificando sinapses com ganhos na evolução do tratamento (Marco, Daniel, Calvo, & Araldi, 2021, p.62).

A criança com TEA observa o mundo de maneira peculiar, visualizando e percebendo os elementos que são mais relevantes para seus interesses, buscando significados e aprendizados nas ações e objetos pertinentes ao seu interesse e habilidades. Consequentemente, o educador precisa se valer de seus interesses, habilidades e preferências para promover atividades que possam promover engajamento e desenvolvimento acadêmico e social, buscando “proporcionar à criança com TEA uma interpretação social de maneira valorativa e significativa” (Santos, 2020, p.67).

Barbosa (2009) comenta que “o ato de cuidar ultrapassa processos ligados à proteção e ao atendimento das necessidades físicas de alimentação, repouso, higiene, conforto e prevenção da dor” (p. 68-69). Assim o educar exige colocar-se em escuta às necessidades, aos desejos e inquietações, supõe encorajar e conter ações no coletivo, solicita apoiar a criança em seus devaneios e desafios, requer interpretação do sentido singular de suas conquistas no grupo, implica também aceitar a lógica das crianças em suas opções e tentativas de explorar movimentos no mundo. No que se refere ao brincar, cuidar e educar é fundamental que o educador promova ambiente de aprendizagens onde a criança com TEA aprenda com atividades práticas e lúdicas, considerando que a criança expõe as suas necessidades de brincar, correr, pular, saltar, dentre outros fatores que podem desenvolver a criatividade e motricidade. A brincadeira desperta a atenção lúdico-pedagógica da criança, quando esta percebe o mundo, analisa as possibilidades e reconstrói a partir, das observações e experiências, assim as atividades práticas e lúdicas são necessários elementos para desenvolver criatividade, pensamento crítico e autonomia, dentro do processo socioeducativo.

Existem diferentes tipos de diagnóstico do TEA com base em critérios específicos. Os principais tipos incluem:

A) TEA leve: antigamente conhecido como Síndrome de Asperger, é caracterizado por dificuldades na interação social e na comunicação, mas sem atrasos significativos no desenvolvimento da fala ou na inteligência.

B) TEA moderado: apresenta sintomas mais acentuados nos aspectos sociais, de comunicação e comportamentais. Pode haver atraso no desenvolvimento da fala e na aquisição de habilidades sociais, além da presença de comportamentos repetitivos.

(C) TEA grave: é o tipo mais grave de TEA, com sintomas mais intensos em todos os domínios, incluindo atraso significativo no desenvolvimento da fala e limitações graves nas interações sociais e na autonomia pessoal. Pode haver uma necessidade maior de apoio, suporte e cuidados.

É importante ressaltar que o diagnóstico do TEA precisa ser feito por uma equipe multidisciplinar, contendo profissionais especializados, como psicólogos, psiquiatras e neuropsicólogos. O diagnóstico é realizado com base em avaliação clínica, observação comportamental, histórico de desenvolvimento e utilização de critérios diagnósticos padronizados pelo DSM-5. Contudo cada indivíduo com TEA é único, e o diagnóstico pode variar de acordo com o quadro clínico.

Um grupo que também é envolvido na formação da criança, são os professores e demais profissionais da educação infantil, que podem reconhecer características inseridas no transtorno no dia a dia com a criança no ambiente escolar. Pesquisadores na Espanha apontaram que a suspeita de autismo foi identificada em 79% dos casos pela família e em 15% dos casos pelos profissionais da educação, em 4% dos casos o profissional relacionado foi o pediatra e em 2%, o psicólogo (Couto et al., 2019, p.21).

Vale destacar que a criança com TEA tem suas limitações comportamentais, e muitas vezes apresentam birras para que seus desejos sejam realizados. É importante que a criança com TEA entenda que as birras são irrelevantes, e devem ser banidas de suas atitudes comportamentais e conceituais. Assim, as crianças devem ser ensinadas a desenvolver as suas características identitária, bem como, os conhecimentos relevantes para o seu crescimento cognitivo.

2.2 AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA A CRIANÇA COM TEA

Para Weizenmann (2020) a unidade escolar é um espaço de estímulos para crianças com TEA, abrangendo suas interações socioeducacionais, aspectos que podem auxiliar no seu desenvolvimento. Assim, o mecanismo de inclusão educacional tem sido uma orientação frequente por parte de profissionais de várias áreas, visto que é observada a importância de instigar de forma antecipada as habilidades da criança, favorecendo na promoção da interação social e do desenvolvimento cognitivo e da fala. Schmidt (2013, p. 75) comenta que as estratégias relacionadas ao ensino no âmbito da educação inclusiva estão relacionadas às operações viáveis no processo da modificação atitudinal. Essas estratégias no âmbito das questões cognitivas estão relacionadas aos processos de desenvolvimento psicossocial, a partir dos seguintes critérios de atenção, aquisição sensibilização, recuperação, personalização, avaliação e transferência.

Santos et al. (2020), traz na sua abordagem reflexões socioeducacionais destacando que:

É importante evidenciar o processo que ela tem no desenvolvimento pessoal e na socialização, ao serem inseridas na escola, trazem diversos benefícios, como, quebrar preconceitos enraizados na sociedade em decorrência da falta de convívio, e pela necessidade de as crianças com este transtorno estarem em convívio com outras crianças para que possam interagir e socializar, assim podendo levar a um aprimoramento em déficits relacionados (Santos et al. 2020, p.96).

Os procedimentos metacognitivos são reguladores dos critérios relacionados ao

âmbito do conhecimento, haja vista que eles realizam as decisões estratégicas as quais possibilitam que o sujeito amplie e controle as suas ações. Desta forma, a organização estratégica no âmbito da aprendizagem, deve está inserida numa metodologia inovadora e ativa, a qual possibilita acessar as ideias relacionadas à motivação, atitude e o afeto quando o educando com TEA está inserido no mundo significativo da aprendizagem.

Julien (2021) aponta que o TEA apresenta sinais na infância, em torno dos cinco anos de vida em muitas situações. Enquanto isso Santos et al. (2020), menciona que:

Assim, a finalidade do diagnóstico para TEA é identificar o transtorno no início do processo no intuito de poder realizar as intervenções precoces com a intencionalidade de alcançar com afinco a comunicação e as habilidades sociais, contribuindo para uma melhor qualidade de vida para a criança com TEA e sua família (SANTOS et al. 2020, p.18).

Schmidt (2013), apresenta uma reflexão relevante que nos possibilita entender o papel do professor no âmbito da educação inclusiva.

O educador se aproprie de ferramentas adequadas para promover o desenvolvimento das capacidades psíquicas da criança com TEA, por meio, da estimulação da sua inteligência, cuja objetividade deve ser desenvolver as habilidades comunicativas e sensoriais, com vista a oportunizar e desenvolver-se dentro de um contexto sociocultural, o qual estas crianças estão em contatos permanentes (Schmidt 2013, p. 75).

Nesse sentido, o educador também precisará apropriar-se das informações dos documentos reguladores para a educação especial e inclusiva contidas nos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil, na Base Nacional Comum Curricular - BNCC e nas Diretrizes Operacionais da Educação Especial os quais contém os regulamentos e disponibilizam as valiosas e relevantes orientações para promover educação inclusiva de qualidade capaz de garantir o desenvolvimento acadêmico e a aquisição de habilidades cognitivas e psicossociais nas crianças com TEA.

As crianças com o espectro autista apresentam desde muito cedo alguns traços do espectro, como a não interação social, e muitas vezes quem percebe em primeiro momento são os professores, pois passam uma parte do tempo com estas crianças estimulando a aprendizagem, sendo mais fácil de ser percebido então por eles do que com os pais em casa que estão acostumados com os mesmos comportamentos das crianças. (Magalhães et al. 2020, p.59).

A introdução de estratégias dinâmicas, recursos pedagógicos práticos e concretos é indispensável para a promoção de intervenções pedagógicas significativas e de qualidade. Portanto, trabalhar com crianças com TEA requer a compreensão das necessidades específicas de cada criança e a utilização de estratégias pedagógicas adaptadas. A utilização de recursos visuais, atividades sensoriais, comunicação alternativa e colaboração com a família são fundamentais para o

desenvolvimento e aprendizado dessas crianças.

Partindo desta observação, Magalhães et al. (2020) destaca que:

A criança desenvolve as suas habilidades cognitivas a partir da interação com o meio em que está inserida, através da permuta de olhares, das comunicações, dentre outras possibilidades psíquicas que o educando deve desenvolver e absorver dentro dessas convivências. (Magalhães et al. 2020, p.145)

Ao educar uma criança com TEA, é essencial adotar uma abordagem centrada na criança, buscando compreender suas necessidades individuais e promover seu desenvolvimento em todas as áreas. Promovendo um ambiente que possibilite a participação, colaboração, livre expressão e questionamentos, para promover aprendizagem real e senso de pertencimento. Consequentemente, essa abordagem requer flexibilidade, empatia e uma mentalidade de aprendizado contínuo para garantir o sucesso da criança na escola e na vida. Silva et al, declaram que a criança “[...] pode expressar a sua gratidão oferecendo uma pedrinha, e manifestar seu amor com um pequeno toque na sua mão. E tenha a certeza de que isso é muito para eles” (Silva et al, 2012, p. 92). O trabalho com as crianças com TEA precisa ser um processo criativo, dinâmico e ao mesmo tempo investigativo, pois o profissional de educação deve criar possibilidades para que a criança se engaje no processo ensino/aprendizagem de forma natural, voluntária e criativa. Em resumo, possibilitando para as crianças com TEA a possibilidade de sociabilização, de interação e de processos cognitivos que irão favorecer o processo criativo e desenvolvimento social e cognitivo.

Outro ponto importante é o diálogo, que desempenha um papel fundamental no processo educacional para crianças com TEA, permitindo a prática da comunicação, o desenvolvimento de habilidades sociais, o apoio ao aprendizado individualizado e a promoção da autonomia e relacionamentos positivos. É importante que os educadores e profissionais envolvidos no ensino dessas crianças promovam um ambiente propício para o diálogo e adaptem suas estratégias de comunicação para atender às necessidades específicas de cada criança com TEA.

Contudo, a ludicidade pode ser uma ferramenta útil para promover a interação social, o desenvolvimento de habilidades de comunicação e a expressão emocional. O uso de atividades lúdicas e jogos terapêuticos pode ser uma forma eficaz de estimular o desenvolvimento de crianças com TEA, promovendo a diversão ao mesmo tempo em que se trabalham habilidades importantes para seu desenvolvimento. Se os resultados encontrados forem divergentes dos objetivos traçados, é necessário que o educador repense suas ações e estratégias pedagógicas e busque outras estratégias e métodos mais eficazes para aquele aluno. Quando necessário, o educador precisará reorganizar os instrumentos lúdico-pedagógicos para melhor atender as Necessidades Educacionais Específicas do aluno.

De acordo com o pensamento de Magalhães et al. (2020), as intervenções pedagógicas precisam ser ações interessantes e prazerosas, tanto por parte do educador quanto por parte dos discentes, tendo em vista que, a ludicidade na intervenção pedagógica é um recurso que promove a aprendizagem de forma lúdica e prazerosa, utilizando jogos, brincadeiras e atividades que despertem o interesse e a participação dos alunos. Dessa forma, a ludicidade como intervenção pedagógica é uma abordagem que valoriza as experiências lúdicas e o uso do brincar como um recurso educativo, favorecendo a interação com o mundo ao seu redor e com os pares, resultando em desenvolvimento integral dos alunos e contribuindo para uma aprendizagem mais significativa.

Existem várias metodologias que podem ser aplicadas no trabalho com alunos com TEA. É importante lembrar que cada aluno é único e pode responder de maneira diferente às abordagens, então é importante adaptar as metodologias às necessidades individuais de cada aluno. Aqui estão algumas das metodologias comumente usadas:

- **Análise do Comportamento Aplicada (ABA):** É uma abordagem que se baseia no princípio de reforço para ensinar novas habilidades e reduzir comportamentos indesejados. O ABA é altamente estruturado e utiliza uma série de estratégias, como modelagem, reforço positivo e quebra de tarefas em etapas menores.
- **Integração Sensorial:** Essa metodologia visa ajudar indivíduos a processar informações sensoriais de maneira mais eficiente. Os professores podem utilizar atividades que estimulam os sentidos, como balançar, rolar ou brincar com texturas diferentes para ajudar os alunos com TEA a melhorar sua capacidade de se adaptar às sensações.
- **Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA):** Essa metodologia foca em ajudar alunos que apresentam dificuldades em se comunicar verbalmente, a desenvolver outras formas de comunicar e se expressar. Isso pode envolver o uso de símbolos visuais, gestos ou dispositivos de comunicação eletrônicos.
- **Tratamento e Educação de Crianças com Autismo e Desordens Relacionadas à Comunicação (TEACCH):** Essa metodologia enfatiza a estrutura e a organização para ajudar indivíduos com TEA a melhorar suas habilidades sociais, emocionais e de comunicação. A exemplo do ABA, o método TEACCH utiliza estratégias visuais, como agendas e quadros de trabalho, para facilitar a compreensão e a execução de tarefas.
- **Intervenção Precoce:** Essa metodologia envolve a identificação e intervenções precoces o mais cedo possível. Programas de intervenção precoce geralmente envolvem uma abordagem multidisciplinar, com profissionais trabalhando em conjunto para fornecer terapia ocupacional, fonoaudiologia, fisioterapia, entre outros.

Sendo assim, Cardoso (2012) traz as suas contribuições salientando que “ensinar deve ser embasado no processo dinâmico, onde a relação professor-aluno seja constantemente

fortalecida, e possam expor seus pensamentos, desejos e necessidades, que são relevantes para que o aprendizado aconteça com afinco” (p. 37). Assim, a ludicidade no âmbito do trabalho pedagógico e avaliativo tende a fortalecer o aprendizado e orientar a prática pedagógica, não podendo ser utilizado unicamente como um mecanismo de diversão ou distração, mas como um processo de valorização dos diferentes saberes.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com base neste estudo, pode-se afirmar que o TEA é um transtorno que surge nas crianças, causando a redução de suas habilidades. Em outras palavras, as crianças com autismo têm uma maneira própria de interagir com o ambiente e com as pessoas. O isolamento é um mecanismo que as pessoas com TEA utilizam para se proteger das atividades que não são do seu interesse, e, principalmente de situações quando não estão familiarizados com o ambiente, com as pessoas e com os acontecimentos. Contudo, a pouca interação, as limitações na linguagem e os problemas com a coordenação motora, são aspectos que desfavorecem o processo de desenvolvimento, interação e comunicação das crianças com TEA. Contudo, estratégias para minimizar essas limitações precisam ser cuidadosamente pensadas e implementadas no processo ensino/aprendizagem para garantir que a criança se desenvolva ao máximo do seu potencial.

Os sons na vida das crianças com TEA podem ser muito perturbadores e desafiadores para elas. Muitas crianças com TEA têm sensibilidades aumentadas aos estímulos sensoriais, o que significa que podem achar barulhos muito altos, ambientes agitados e sons repentinos muito desconfortáveis e avassaladores. Isso pode levar a crises de ansiedade, estresse social, desorganização emocional e até mesmo a explosões emocionais. Além disso, algumas crianças com TEA podem ter dificuldade em processar e filtrar os estímulos sensoriais, o que pode resultar em uma sobrecarga sensorial e dificuldade em se concentrar ou se envolver em atividades quando há muitos sons ao redor.

Outro fator bastante observado é a recepção negativa. Contudo, quando vamos apresentar orientações ou contradições para as crianças com TEA é necessário utilizar estratégias que possam significar a orientação ou negativa, através de exemplos e conversar significativas, “um não deve ser apresentado de forma dinamizada e suavizada, pois a entonação vocal do adulto é bastante considerada pela criança, fator que pode deixá-lo irritado, comprometendo o seu desenvolvimento psicossocial” (Cardoso, 2012, p. 28). É importante que os educadores estejam abertos a adaptar e modificar suas práticas pedagógicas de acordo com as necessidades individuais de cada aluno com TEA, e que também busquem apoio de profissionais especializados para desenvolver estratégias eficazes para ajudar no desenvolvimento de seus alunos. Dessa maneira é importante destacar que a criança aprende a todo instante. Muitas vezes a criança aparenta estar desligada do

contexto, no entanto, a sua consciência pode está envolvida simultaneamente nos diferentes contextos e suas habilidades cognitivas estão a todo o momento se desenvolvendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proporcionou conhecer as relações entre a inclusão e as intervenções pedagógicas no âmbito da educação da criança com TEA. Durante o estudo, foi possível compreender as principais ideias destacadas nos parâmetros teóricos, que orientam as instituições educacionais quanto à garantia de uma aprendizagem relevante e significativa para alunos com TEA. Os resultados Obtidos a partir desse estudo foram de grande valia para a aquisição de novos conhecimentos acerca da criança com TEA no processo educacional inclusivo. Assim, considera-se que a inclusão traz nas suas entrelinhas interventivas, as ideias que as crianças com TEA precisam ser incluídas no processo educacional nas escolas regulares, de forma eficaz e desfrutando de uma educação significativa, de qualidade e capaz de atender as Necessidades Educacionais de cada uma delas, utilizando as percepções visuais, auditivas, criativas e imaginativas, para promover autonomia e o desenvolvimento social, da fala e cognitivo das crianças com TEA.

A inclusão traz benefícios tanto para os alunos com TEA, que têm a oportunidade de desenvolver habilidades sociais e acadêmicas em um ambiente inclusivo, quanto para os demais estudantes, que têm a oportunidade de aprender a conviver com a diversidade e desenvolver empatia e respeito pelas diferenças. Além disso, a presença de alunos com TEA nas escolas regulares promove a sensibilização e conscientização de toda a comunidade escolar em relação às necessidades e potenciais desses alunos. Isso contribui para a construção de um ambiente mais acolhedor e inclusivo, que beneficia não apenas os alunos com TEA, mas todos os membros da comunidade escolar.

Para combater a falta de inclusão, é fundamental promover a educação e conscientização sobre a importância da diversidade e inclusão. É necessário criar ambientes educacionais e sociais que sejam acolhedores e acessíveis a todas as pessoas, independentemente de suas diferenças. Além disso, é importante implementar políticas e práticas que promovam a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade em todos os setores da sociedade. A inclusão é um direito fundamental de todas as pessoas e sua promoção é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A inclusão de alunos com TEA na sociedade também requer a conscientização e a colaboração de diferentes setores, como empresas, órgãos governamentais e a comunidade em geral, para garantir que esses alunos tenham oportunidades de participar de atividades sociais, culturais e esportivas, e sejam integrados de forma plena e respeitosa.

As visões relacionadas a esse estudo foram cruciais para a formação pedagógica e interventiva do futuro profissional de educação, pois trouxe uma abordagem enriquecida de ideias, as quais possibilitam ao educador criar estratégias que possam enriquecer e estimular os educandos com TEA. Os autores estudados contribuíram de maneira efetiva, pois possibilitaram entender e conhecer as habilidades experimentais da criança com espectro autista.

Uma intervenção pedagógica dinamizada, onde o educador aproprie de ideias que enriqueçam a sua prática, bem como, auxilie no desenvolvimento socioeducacional da criança, instigando-a a participar do processo por meio da exploração das habilidades visuais, linguísticas, motoras, além de fortalecer a interação, onde possam criar uma relação de confiança e responsabilidade.

O estudo também possibilitou realizar uma reflexão-crítica-reflexiva sobre a importância da inclusão e os benefícios que essa modalidade de ensino pode trazer para o estabelecimento educacional. Bem como, a sua contribuição no despertar da atenção das crianças, favorecendo na ampliação e desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais, e das capacidades psicossociais, garantindo de maneira significativa e dinamizada o contato da criança com o mundo, onde os valores éticos e morais possam ser trabalhados pelo ato de observar, de ouvir, de reproduzir, por meio da oralidade, atividades práticas e lúdicas, através de processos educativos dinâmicos e baseados nas experiências e vivências das crianças.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. São Paulo: Artmed, 2009.
- BARBOSA, M.; HORN, M. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. São Paulo: Artmed, 2009.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB/2/2008 - **Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo**. MEC: Brasília - DF, 2008.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB 1/2002 - **Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. MEC: Brasília - DF, 2002.
- COUTO, C.; FURTADO, M.; ZILLY, A.; & SILVA, M. **Experiências de professores com o autismo: impacto no diagnóstico precoce e na inclusão escolar**. Revista Eletrônica 23 de Enfermagem, 21, 1-7. 2019.
- CARDOSO, B. **Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil**. São Paulo: Editora Anzol, 2012.
- CARDOSO, J.; SOUSA, N.; & OLIVEIRA, F. (2021). **Art Education, Autistic Spectrum**

Disorder-TEA and educational possibilities. Research, Society and Development. .

EBERT, M.; LORENZINI, E.; SILVA, E. **Trajetórias percorridas por mães de crianças com transtorno autístico.** Biblioteca Lascasas. 2013.

JULLIEN, S. (2021). **Screening for autistic spectrum disorder in early childhood.** BMC Pediatr, 349–349. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-34496788>

LEVENSON, D. **Autism in siblings often caused by different faulty genes, study says.** Am J Med Genet A. 2015.

LOPEZ-Pison, J. et al. **Our experience with the a etiological diagnosis of global developmental delay and intellectual disability: 2006-2010.** Neurologia. 2014.

MARCO, R.; DANIEL, M.; CALVO, E.; & ARALDI, B. **TEA e neuroplasticidade: identificação e intervenção precoce.** *Brazilian Journal of Development*, 7(11), 2021.

MAZUREK, H., 2012. Espacio y Territorio. Instrumentos metodológicos de investigación social. Segunda edición. La Paz: Fundación PIEB, 206p. January **2012**.

MENDES, E. **Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil.** In: PALHARES, M.; MARINS, S. *Escola inclusiva.* São Carlos: EdUFSCar, 1999. p.61-85.

RUSSO, F. **Manual sobre o transtorno de espectro do autismo: TEA.** São Paulo: NeuroConecta, 2019.

SANTOS, A. et al. **O olhar da família e da escola para a criança com Transtorno do Espectro Autista - TEA.** *Revista Liberum Accessum*, 2020.

SANTOS, G. **A inclusão escolar e o autismo: percepções em discussão. (Trabalho de conclusão de curso).** Centro Universitário Unifat, Atibaia, SP, Brasil, 2020.

SILVA, B. et al. **Dificuldade no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista e seu impacto no âmbito familiar. (Trabalho de conclusão de curso).** Associação Educativa Evangélica - Unievangélica, Anápolis, GO, Brasil, 2018.

VIANA, A. et al. **Autismo: uma revisão integrativa. (Trabalho de conclusão de curso).** Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga - FADIP, Ponte Nova, Minas Gerais, Brasil, 2020.

VIGOTSKI, L. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WEIZENMANN, L.; PEZZI, F.; & ZANON, R. **Inclusión escolar y autismo: sentimientos y prácticas docentes.** *Psicol. Esc. Educ.*, 2020.